



CIÊNCIA FARMACÊUTICA NA VANGUARDA

São dessa área os dois melhores projetos de iniciação científica da Fiocruz

Alexandre Matos

São do Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos/Fiocruz) os dois melhores projetos de iniciação científica da Fiocruz. Enquanto um está voltado para a doença de Chagas, o outro é sobre uma enzima que poderá ser usada para fins terapêuticos. Os trabalhos foram premiados na Reunião Anual de Iniciação Científica (Raic), dentro de um universo de 686 estudos envolvendo bolsistas de todas as unidades da Fundação. Os contemplados receberam um certificado e uma medalha em reconhecimento ao potencial de seus estudos. A escolha reafirma o papel de Farmanguinhos como centro de referência em pesquisa e desenvolvimento tecnológico, além de ajudar a consolidar a unidade como geradora de conhecimento na área científica.

Os trabalhos foram premiados no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (Pibiti). A coordenadora dos dois programas na Fiocruz, Raquel Elisa da Silva López, explica a diferença entre as duas modalidades. “No Pibic os projetos estão relacionados com a pesquisa básica, são estudos que geram conhecimento que servirá de base para outros estudos. Já os projetos relacionados ao Pibiti têm foco no desenvolvimento de um produto ou processo tecnológico”. Dentre outros critérios, a comissão avaliou a qualidade dos projetos e dos resultados gerados, os relatórios e a apresentação oral dos alunos.

Enzima vegetal

O projeto da estudante de Química e bolsista da Área de Produtos

Naturais Rayane Natashe Gonçalves foi escolhido o melhor Pibiti. O trabalho é sobre uma leguminosa cuja enzima tem importante atividade na quebra de proteínas. “O prêmio Pibiti significa o reconhecimento de todo trabalho, além da dedicação empenhada e sendo mais um degrau alcançado nesta longa jornada profissional”, diz Rayane.

O trabalho é coordenado pela pesquisadora Raquel Elisa. “O estudo busca proteases, ou seja, enzimas com importante atividade na quebra de proteínas que agreguem excelente estabilidade em altas temperaturas e na presença de agentes químicos. Sob essas condições, as enzimas reúnem as características essenciais para serem formuladas e empregadas como proteases terapêuticas, que poderão ser usadas no tratamento de diversas enfermidades e condições”, explica a cientista.



Foto: Edson Silva/Farmanguinhos



Raquel Elisa (à direita, na foto de cima) coordena os dois programas de iniciação científica

De acordo com Raquel, o objetivo é transformar essa pesquisa num medicamento. “A expectativa é continuar trabalhando para desenvolver formulações terapêuticas, além da formação de recursos humanos especializados”, enfatiza. Para atingir esses patamares, é necessário superar algumas dificuldades. “A pesquisa no Brasil carece de mais apoio. Um projeto como esse, por exemplo, que visa ao desenvolvimento de um produto farmacêutico, requer maiores investimentos”, observa.

Doença de Chagas

O trabalho de Rodolfo Rodrigo Florido França, que é aluno de Química e bolsista da Síntese Orgânica, foi escolhido o melhor Pibic. Sob a orientação de Núbia Boechat e do doutorando Frederico Silva Castelo Branco, França quebrou um jejum, já que há seis anos Farmanguinhos não vencia a Raic na modalidade Pibic. O último ocorreu com um trabalho também orientado por Núbia, com a aluna Fernanda da Costa Santos.

Castelo Branco explica que apesar de a doença de Chagas ainda não ter

cura em sua fase crônica, tratamentos experimentais conseguiram promover esse feito. No entanto, os compostos usados nesses estudos são complexos e, se forem aprovados, vão gerar um tratamento de alto custo. “No trabalho, intitulado Síntese de novos derivados triazólicos com potencial atividade antichagásica, o objetivo é conseguir novas moléculas ativas na fase crônica da doença de Chagas, porém, de baixo custo de obtenção. Então, nosso trabalho pretende levar a cura à população que sofre com essa doença negligenciada e, ao mesmo tempo, não ter impacto substancial no orçamento do SUS e nos sistemas públicos de saúde de outros países em desenvolvimento”, ressalta.

Para França a premiação teve valor especial. “Parecia que não daria certo. O projeto foi classificado na categoria Ciências da Vida, quando, na verdade, acreditávamos que deveria constar de Ciências Exatas, já que envolve a química. Em outras palavras, concorri com trabalhos específicos das ciências da saúde e biológicas. Diante das circunstâncias, vencer a Raic foi muito importante. O maior benefício é o incentivo e a certeza de estar fazendo a coisa certa”, frisa.